

Necrologia

Professor P.^e José Kempf

Em Bayenthal, nos arredores da cidade de Colónia (Alemanha), numa clínica servida por religiosas de Santa Isabel, faleceu, em 2 de Dezembro do ano findo, o P.^e José Kempf, velho professor que foi de muitas gerações académicas que passaram pelo Colégio do Espírito Santo, em Braga, tendo o condão de deixar em cada discípulo um amigo e um admirador da sua competência, naquele tempo excepcional.

O P.^e Kempf foi filho de lavradores modestos e nasceu em 2 de Fevereiro de 1855, em Streithausen, aldeiazinha da região renana, salientando-se desde os primeiros estudos na escola primária. Professando na Congregação do Espírito Santo, em obediência aos planos dos seus superiores, logo que foi ordenado presbítero, em 1877, veio para o Colégio do Espírito Santo, de Braga. Possuidor de sólidos estudos secundários, com predilecção pelas ciências exactas e experimentais, em que se distinguiu entre os escolásticos do seu tempo, foram-lhe confiados, no já acreditado colégio, regências das disciplinas de matemática, física, química e ciências naturais. Continuando a desenvolver, por si, os seus estudos, tornou-se, não só um mestre consumado de crianças, cuja educação as melhores famílias de Portugal confiavam àquele colégio, como também mestre de postulantes a mestres, e orientador prático de profissionais nas aplicações das ciências físicas.

Tivemos a dita de sentirmos por êle guiados os nossos primeiros passos nas ciências fisico-químicas-naturais que professamos, em 1895-1896, época em que ainda predominava o ensino livresco e verbalista, mas contra o qual o professor Kempf, auxiliado pelo irmão Ireneu, reagia, fazendo escola da observação e experimentação como processos basilares do estudo daquelas ciências. Se os alunos não realizavam por si as experiências, como já ao tempo sucedia em países mais adiantados na ciência educativa, pelo menos viam-nas fazer uma vez, por mãos adestradas, que eram as do mestre e seu ajudante. Os alunos apresentavam-se sabedores aos exames do liceu da localidade e obtinham em geral bons resultados, embora não fôsse devidamente apreciada a sua preparação real pela observação e experiência, pois para o acto público bastavam os resumos finais dos livros de Langlebert, ou doutros livros nacionais que entre nós começavam a aparecer, imitando aquele considerado professor francês. Essa superioridade de preparação sentiam-na os antigos alunos do Colégio do Espírito Santo nos cursos superiores, quando encontravam professores de física e química orientados para o ensino experimental, pois que já havia alguns destes nas nossas escolas superiores, devendo citar-se, como do nosso conhecimento, no Pôrto, o fundador desta Revista e eminente professor de química Dr. A. J. Ferreira da Silva e em Coimbra o sábio professor de física Dr. A. Santos Viegas, qualquer dos quais se tinham orientado junto dos mais abalisados mestres estrangeiros nas ciências experimentais.

Tendo feito com êste e outros abalisados professores da Universidade de Coimbra os nossos cursos superiores, voltamos para Braga, como professor do liceu, em 1907-1908, no tempo em que era regulamentar atender nos exames às notas de média das frequências dos examinandos, tanto dos alunos internos do liceu, como dos externos, as quais deviam ser fornecidas em mapas aos jûris. Exigimos que as valorizações dos alunos, nas disciplinas de ciências do Colégio do Espírito Santo, para os jûris da 5.^a e da 7.^a classes de ciências de que fizemos parte, fossem firmadas pelo P.^e Kempf, para lhe ligarmos o mesmo valor real que às dadas aos nossos próprios alunos. Pois tivemos a satisfação de, em plena consciência e acôrdo com os colegas dos jûris, subirmos várias notas dos alunos do Colégio do Espírito Santo. Tal é o exemplo da probidade dum educador que entendemos aqui deixar registado.

Para estas boas referências, não nos move um espírito de seita, pois abandonamos voluntariamente o Colégio um ano antes de acabarmos o curso secundário. Saímos convencidos de que a educação que em colégios desta natureza se ministrava tem aspectos bons e outros menos bons; havia no Colégio do Espírito Santo bons educadores e outros que desempenhavam o seu papel como podiam, agradando pelos seus processos a uns alunos e suas familias e desagradando a outros. O P.^e Kempf agradava a todos, no seu papel de ensinar bem as ciências matemáticas e físicas, ao qual dedicava todo o tempo disponível dos seus deveres religiosos, mas alheiado, por temperamento, das acções disciplinares com os alunos, encantando-os sempre pelo seu fino trato, evitando simpatias doentias e as dilacções, que outros cultivavam.

O P.^e Kempf não só foi um professor exímio e um cultor das ciências físicas puras, mas também um seu realizador prático. Tinha grande habilidade manual e aproveitou-a, montando, com o seu colaborador irmão Ireneu, uma oficina, aonde os dois faziam reparações e modificações de aparelhos para o Gabinete de Física. Lembra-nos de vêr várias obras destas, por ex., uma máquina electrostática de Carré, com que os dois deleitavam os rapazes do curso, fazendo experiências científicas recreativas. Esta feição tinham várias experiências de electricidade e doutros capítulos da fisica, pois que os programas oficiais nem tanto exigiam; mas, mesmo assim eram educativas.

Com êste fim realizaram-se sessões faladas, para os colegiais e até extensas às familias de alunos, amigos e convidados, com a lanterna mágica, instrumento precursor da moderna máquina de projecção e do cinema.

O Colégio do E. S. adquiriu uma máquina de congelar a água, que o P.^e Kempf montou e com a qual nos recordamos ter fabricado gelo para centenas de pessoas, quando em 1909 se fez a 1.^a reunião de antigos alunos do Colégio.

Havia no Colégio um pequeno motor eléctrico, que o P.^e Kempf adaptou a vários fins, nomeadamente a mover uma máquina de batêr ovos, para fabricar pão de ló para a comunidade, etc.

As observações meteorológicas e astronómicas interessavam também os dois cientistas: Tinham um abrigo meteorológico com alguns instrumentos expostos, cujas observações directas víamos que se faziam religiosamente, bem como doutros aparelhos colocados dentro de casa. Tinham uma luneta astronómica, um teodolito, etc., com que faziam os seus estudos particulares e também no uso deles iniciaram os alunos.

Dedicaram-se à fotografia, não só científica, mas um pouco industrializada: foram êles que nos tiraram o primeiro retrato individual; faziam isso por preço baixo, apenas compensador do material gasto e auxiliador ou animador de novos estudos pessoais.

Na química não só faziam experiências vulgares de curso, mas também outras de maior alcance. Recordamo-nos de, depois dumas férias, vermos alguns frascos cheios de pauzinhos de fósforo, que os dois tinham fabricado à custa dos ossos aproveitados na cozinha, pondo ao serviço das laboriosas operações realizadas o fósforo dos seus cérebros.

Vasos de altar e outros objectos metálicos eram dourados no Colégio, pelos processos mais modernos, sacrificando um par de libras esterlinas, no tempo em que elas estavam ao par (4\$500).

A actividade do P.^e Kempf estimulava a dos seus colegas, auxiliares e discípulos: O museu de história natural do Colégio E. S. foi-se enriquecendo com preparações dum Irmão auxiliar, que se tornou tão perito em peanhas e suportes de arame para os animais embalsamados por êle como o era no encadeamento das contas dum rosário.

Ao P.^e Kempf, recorriam, para resolver dificuldades, industriais de Braga, hábeis mas pouco instruídos. Recordamo-nos de, no nosso tempo, ver entrar, muitas vezes, às tardes ou dias feriados, no Colégio, um sr. Augusto Claro, construtor de instrumentos de música. Tinha empreendido a construção dum órgão, que existe na Igreja do Seminário de Braga, cujos cálculos e direcção de construção foram feitos pelo P.^e Kempf. O artista depois saiu de Braga e consta que fez trabalhos análogos para o Pôrto e Lisboa.

Com o P.^e Kempf trabalhou um metalúrgico de nome Macieira, que mais tarde fez montagem, pelo menos, dum instituto eléctrico-terapêutico, fabricando tôdas as peças da máquina electrostática, etc.

Sendo Braga uma das cidades do Norte em que, no nosso tempo de colegial, primeiro se montou uma rede urbana para distribuição de energia eléctrica duma estação central, a instalação interna do Colégio, com condutores escondidos nas paredes, aparelhos de segurança e utilização foram feitas sob a direcção e com o auxílio manual do P.^e Kempf. Dizia-se que os engenheiros técnicos montadores da rede urbana, o nome dum dos quais — Bracolini — agora nos foi recordado, não desdenhavam de conferenciar com o sábio professor; pelo menos, nós viamo-los pelo Colégio muitas vezes com o nosso mestre nas suas horas de disponibilidade.

Nas excursões académicas de comboio, o P.^e Kempf ia para a máquina trabalhar e instruir-se.

Foi um homem dêstes, cheio de serviços à educação da mocidade portuguesa e à indústria, fazendo escola, sem feitio nem tempo para se emiscuir em política partidária, pois raro saía do Colégio, compreendido numa medida demasiado radical do Governo Provisório da República, expulsando de Portugal os congreganistas, numa ocasião em que êste Governo muito sensatamente começava a decretar medidas eficazes para o desenvolvimento da instrução. Com mais calma, os nossos dirigentes teriam convidado homens como o nosso P.^e Kempf a ficar adido, em exercício, junto duma escola superior aonde êle prestaria excelente serviço, na organização de laboratórios, oficinas, ensino, etc.

Se a permanência dêle em Portugal não fôsse contrária às regras do Estado e da sua ordem religiosa, êle certamente a preferiria ao exílio forçado que teve na sua própria pátria, pois que tendo sido destacado para Knechtsteden, perto de Colónia, aonde a Congregação do Espírito Santo possuía uma casa esplêndida, de lá escreveu para Portugal uma célebre carta, em que descrevia as magníficas instalações e belezas da propriedade, mas terminava pela seguinte frase: «... Tudo isto não apaga as saudades de Braga...!» E nunca foram apagadas, senão com a morte, sabêmo-lo nós por êle no-lo ter dito.

De Knechtsteden, passou para Broich, perto de Aix-la-Chapelle, e depois para

Heimbach, e para Colónia, como superior nas duas primeiras casas e como vice-provincial na última. Dizem os seus colegas que se desempenhou belamente das missões que lhe confiaram e isso deve ser verdade; mas, essas missões eram para êle consideradas certamente inferiores, pois que a superior era continuar a dedicar-se ao estudo, ao ensino e às aplicações das ciências físicas.

Em Outubro de 1929, andando nós em missão oficial de estudo, fomos ao encontro do P.e Kempf em Colónia. A nossa visita surpreendeu-o e sensibilizou-o muito, dizendo-nos que era a primeira dos seus inúmeros discípulos e amigos. Expandiu-se em manifestações de saúdades de Portugal, sua pátria adoptiva por 33 anos e aonde sabia que tinha muitos amigos, que não deixavam de solicitá-lo a visitá-la. Não o fazia, não por falta de vontade, mas pelas circunstâncias em que estava, velho e impossibilitado pela cegueira, precisando dum companheiro e guia para a longa viagem, que êle evitava empreender para não ser pesado a ninguém, considerando-se já um improdutivo.

Conversamos animadamente uma tarde inteira sobre assuntos científicos e de Portugal. A conversa não durou mais tempo porque tínhamos que seguir o programa da viagem, ainda longo e atrasado. Pediu-nos instantemente que o visitássemos outra vez, na volta da viagem se pudéssemos, o que não prometemos por não ser provável. Ainda alimentamos então a esperança de o ver em Portugal.

Na impossibilidade de ir a Colónia prestar-lhe a última homenagem, deixamos exaradas na Revista estas palavras de saudade e gratidão ao sábio de origem estrangeira que se desenvolveu em Portugal e o amou como um português de nascimento, que neste país fez um apostolado das ciências que cultivamos e que tivemos a dita de ter por professor e amigo.

Álvaro Machado.